

A influência do “Código de Bom Tom” no Brasil desde 1845 e as sátiras da revista “Careta” (1913-1914)

Juliana Ribeiro de Oliveira¹
(Orientador: Prof. Douglas Fidalgo²)

Resumo: O artigo examina a enorme influência do livro “Código do Bom-Tom” (1845), de J. I. Roquette, e sua “ditadura” das regras de boas maneiras sobre as elites da sociedade brasileira da época. Apresenta e analisa também as irônicas críticas da revista Careta (em 13 números, de 1913 a 1914) satirizando o livro. **Palavras Chave:** “Código do Bom-Tom”. Revista “Careta”. “Ditadura” das boas maneiras. Sociedade brasileira.

Abstract: This article is on the enormous influence of J. I. Roquette’s book “Código do Bom-Tom” (1845) and its “dictatorship of rules of etiquette” on Brazilian high society of that time. It presents and analyses too the ironic remarks of “Careta Magazine” (1913-1914) satirizing the “Código”.

Keywords: “Código do Bom-Tom”. “Careta Magazine”. “Dictatorship” of etiquette. Brazilian society.

Este trabalho consiste na análise das sátiras realizadas em catorze edições da revista Careta (1913 - 1914), ironizando a ditadura das mil regrinhas de boas maneiras proposta no livro “Código do Bom-Tom” (1845) de J. I. Roquette e tidas como dogmas por boa parte da elite brasileira da época.

O “Código do Bom-Tom”

Em 1997 a editora Companhia das Letras fez uma edição do famoso “Código de Bom-Tom” (abrev.: CBT), precedido de um criterioso estudo de Lilia Moritz Schwarcz (nas citações: Schwarcz, p. tal, in ROQUETTE, 1997).

Em artigo, precisamente sobre esse livro, SAMPAIO (2013), fala das mudanças sociais e urbanísticas que levaram ao *boom* de “manuais de civilidade” no século XIX, dentre os quais o de Roquette será, de longe, o mais importante em Portugal e no Brasil.

A partir de finais do século XVIII, mas, sobretudo durante o século XIX percebe-se principalmente na Europa que toma força um novo conceito de boas maneiras, que passam a ser disseminadas a partir de Manuais de Civilidade e Etiqueta descrevendo como devem ocorrer as atividades do viver em sociedade.

No século XIX vislumbramos o que Perrot (2006) descreve de aglomerações de indivíduos em tornos das novas cidades que estão sendo constituídas, advindo da expansão da Revolução Industrial, juntamente com este contexto emerge o aumento de insalubridade e

¹. Aluna do 3º. ano do Ensino Médio do Colégio Luterano São Paulo (SP).

². Mestre em Ciências da Religião pela Umesp. Professor de História e Sociologia do Colégio Luterano São Paulo.

doenças, decorrido das más condições de higiene, e o não preparo das “novas cidades” para o contingente de pessoas que adentram neste cenário. [...]

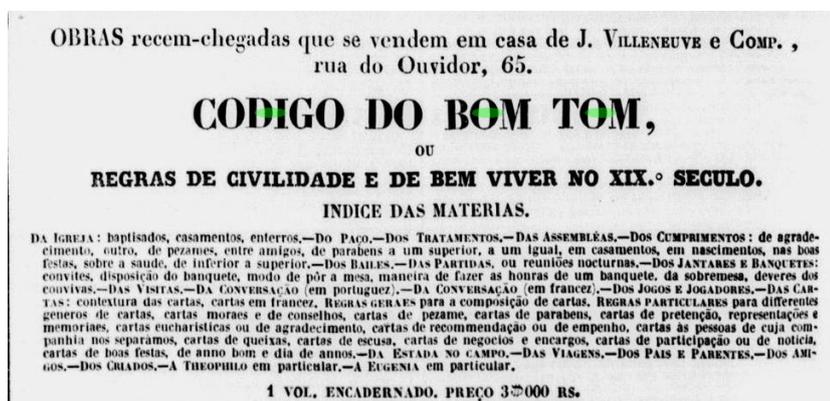
A Europa do Século XIX passa a vivenciar o que Berman (2007) descreve como o turbilhão de acontecimentos e mudança que modernidade desencadeia. A elite letrada européia adota algumas regras e padrões, assim como procura regular condutas e posturas para os locais públicos, sobretudo os quais são de grande convivência social, além do espaço privado.

A fim de desconstruir a imagem de homem “canibal” que senta a mesa e degusta as carnes servidas em pedaços grandes com voracidade e logo após com o uso dos dedos retira os excessos de alimento, constroem-se normas úteis e de certo modo reveladoras de bons e de maus comportamentos. Tudo em nome da civilidade. [...]

Os manuais de condutas emergem da necessidade de sistematizar os comportamentos advindo de uma nova rede de sociabilidade introduzida pela sociedade do século XIX. Oposto aos códigos de etiquetas que compreendemos hoje que tem “a pretensão de enquadrar os corpos e reprimir o gesto espontâneo” (GONÇALVES, 2006, p. 110), o que é perceptível na Europa Oitocentista que se estabelece em boa parte, são normas de higienização e como proceder-las [sic].

Além dos textos de higienização, um novo gênero literário adentra no século XIX, o uso de manuais de boas maneiras e comportamento. Regras de sociabilidade, falar e comer passam a fazer parte da listagem do índice desses manuais.

Lançado em Portugal e (quase) simultaneamente no Brasil, o CBT imediatamente torna-se um best-seller entre nós e suas inúmeras regrinhas são vistas como imperativo ideal para as elites do Império.



Anúncio no “Jornal do Commercio” RJ, 22-8-1845.

Para dar uma ideia do conteúdo do CBT e de como era considerado no toco Brasil da época – com sua recém criada corte tupiniquim querendo apressadamente “importar” padrões franceses de refinamento –, recolhemos alguns trechos do estudo introdutório ao livro, escrito por Schwarcz (in ROQUETTE, 1997):

Em sociedades rigidamente estruturadas, cujas marcas exteriores convertiam-se em símbolos de status, demonstração de hierarquia e de

regras de prestígio, desenvolve-se uma determinada sensibilidade ritual, uma “maquinaria do cerimonial”, cujo resultado, além de uma regulamentação de influências e posições, era o controle e a contenção dos sentimentos e da manifestação de sensações [...]. O que importa, no entanto, é perceber como a ruptura entre a demonstração e a contenção de sentimentos foi sendo absorvida de modo crescente, até tornar-se um hábito compulsivo e internalizado. (p. 10)

Contando com indicações minuciosas, o guia [CBT] procura regulamentar e cercear os impulsos nos mais diferentes lugares: na igreja, nos batizados e casamentos, nas festas e enterros, nos paços ou entre amigos, no dia-a-dia ou nas viagens. O suposto é que há uma etiqueta para cada local. É preciso controlar as conversas e estabelecer os momentos em que se chora (e em que não se chora). O espirito deve ser domesticado e limitado às horas de maior privacidade, e também a conversação. É necessário saber falar, assim como calar, e usar o olhar de maneira a alcançar a todos. (p. 22)

O CBT é, afinal, uma camisa de força, com centenas de regrinhas e proibições, que – nos casos mais acentuados – darão margem às sátiras da revista Careta:

E Roquette não esquece os lembretes. Quando o café está quente, não se pode deitá-lo no pires, mas deve-se bebê-lo pouco a pouco; também nunca se embebe o pão no vinho, ou no molho, nem com ele se enxuga o prato. Não se deve engolir com precipitação, não se põe a sopa na boca quando está muito quente, nem grandes bocados de comida. Não se mastiga de maneira que se ouça na outra ponta da mesa, não se serve ao outro com a mesma colher que se estiver usando, além de não se poder pôr os pés no vizinho ou os cotovelos no prato dos demais. Com relação aos palitos, os conselhos são mais estritos ainda: sirva-se de palitos à vontade, mas não os deixe ficar na boca, no cabelo, na casaca, atrás da orelha e tampouco fale conservando-os entre os dentes.

A quantidade de “nãos” que fazem parte dessa [“Jantares e Banquetes”] e de outras seções do livro é de tal monta que não deixa dúvidas sobre a característica cerceadora desse tipo de obra. No entanto, por mais que a etiqueta seja uma “ciência da artificialidade”, o bom aluno é aquele que faz tudo parecer “natural e sem qualquer precipitação”, “decora” todas as matérias da civilidade e reage a elas como se fossem matéria de sua mais profunda individualidade (p. 23).

Roquette – na realidade, clérigo celibatário – para apresentar suas mil regrinhas do CBT, vale-se de um recurso ficcional, apresentando o livro como “Instrução paternal a Teófilo e a Eugênia”, supostamente seus filhos.

O enredo da ficção conta a história um bom pai aristocrata, que sai de Portugal após perder sua esposa, em 1834, e vai para Paris a fim de educar seus dois filhos, Teófilo e Eugênia, por lá, mantendo os antigos costumes nobres portugueses. Em 1844, juntamente com sua nova cônjuge, ele decide retornar a Portugal. A partir desse momento, ele passa a enviar cartas, destinadas a seus filhos, dando conselhos de civilidade e cortesia.

O principal objetivo deste suposto pai é ensinar a seus filhos como devem se apresentar em qualquer sociedade, de forma a serem aceitos dignamente, mesmo na ausência do pai.

No capítulo “Do Paço”, o próprio autor reconhece a bizarrice de seus preceitos, ao advertir “seus filhos” sobre o caráter absolutamente obrigatório da etiqueta: “uma regra de bem viver de que não vos deveis afastar ainda que muitos usos vos parecessem ridículos, e outros velhos e absurdos” (ROQUETTE, 1997, p. 102-103).

No CBT, a espontaneidade é preterida em nome do “bom-tom”. Por exemplo, o autor dedica 34 páginas a mil sutilezas sobre como escrever cartas, como é o caso de:

[...] não comeceis a carta dizendo “O Senhor seu irmão me escreve participando-me etc.”; deveis dizer: “Por carta que acabo de receber do Senhor seu irmão, do irmão de Vossa Senhoria sei etc.” (ROQUETTE, 1997, p. 271-272).

Nota biográfica sobre J. I. Roquette

Para este tópico, seguiremos a Introdução de Schwarcz ao CBT, recolhendo os dados lá apresentados.

O cônego José Inácio Roquette nasceu em Alcabideche, Portugal, em 1801 e morreu em Santarém em 1870. Ele foi autor de várias obras eclesiásticas, espirituais, de educação e de civilidade, sendo esta última sua principal contribuição para o povo português.

Seu pai, Antônio dos Santos Roquette, era proprietário rural, capitão das Ordenanças e vereador na Câmara Municipal de sua cidade. Apesar de querer que o filho seguisse carreira no clero secular, Roquette acabou abraçando a vida monástica. Ele professou a Regra de São Francisco, no Convento de Santo Antônio do Estoril em 1821, e adotou o nome de frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquette. Além disso, terminou sua formação em teologia e moral, em 1830, e passou a trabalhar na Santa Igreja Patriarcal. Ligado à causa absolutista, apoiou D. Miguel e, em 1830, tornou-se secretário do cardeal patrarcal de Lisboa e pregador régio. Esse apoio à realeza levou-o à prisão em 1833 e, no ano seguinte, com o fim da guerra civil, partiu para a Inglaterra.

Em 1848, ele passou a residir em Paris, onde, patrocinado pelo arcebispo e pelo visconde de Carreira, ministro de Portugal na França, tornou-se pároco numa das freguesias do bairro de São Germano e foi nomeado vigário na freguesia de São Paulo. Após dois anos, ele se tornou sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Em 1857, ele retornou a Lisboa, por influência do cardeal patriarcal D. Guilherme. Em 1854 e 1857, respectivamente, ele recebeu as comendas de cavaleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição e da Rosa no Império do Brasil. Além disso, ele passou a exercer funções no magistério, enquanto também trabalhava como secretário de despacho.

Tendo aderido à voga dos manuais, começa a se utilizar de sua experiência na França e na Inglaterra para instruir “os seus” sobre as vicissitudes da boa etiqueta, escrevendo o CBT e diversas outras obras.

A revista Careta e as sátiras ao CBT

Iniciamos este tópico com uma breve apresentação da revista Careta, recolhidos de NOGUEIRA (2010).

Criada pelo empresário e jornalista Jorge Schmidt, a revista logo começa a ser acolhida pelo grande público, ficando em circulação durante 53 anos – de 6 de junho de 1908 a 5 de novembro de 1960. Isto se deve, principalmente, ao fato de ela possuir vários diferenciais em relação àquelas que estavam sendo veiculadas na época, como a Fon-Fon! e a Kosmos (da mesma autoria de Schmidt). Entre as principais características da Careta, é possível apontar: a enorme quantidade de imagens, a linguagem mais simplificada e o conteúdo leve, divertido e diversificado.

Por conta do emprego de avançadas tecnologias gráficas, a Careta conseguiu se tornar um dos melhores exemplos de revista ilustrada do século XX. Em sua estrutura, as charges, as caricaturas e as fotogravuras merecem destaque, principalmente porque, com a intenção de cativar o público, sustentam as sátiras gráficas, críticas ousadas e bem humoradas, direcionadas a questões políticas e sociais da população carioca.

Diferentemente da Fon-Fon! e a Kosmos, redigidas para um público restrito, mais intelectual, a Careta sempre deixou bem explícito, desde seu início, que ela era voltada para o grande público, ou seja, para todas as pessoas, independentemente de classes sociais, apenas exigindo que seus leitores fossem alfabetizados. Para viabilizar a acessibilidade, a revista apresentava uma linguagem de fácil compreensão.

Após essa breve apresentação da revista, passemos às sátiras que ela faz ao CBT.

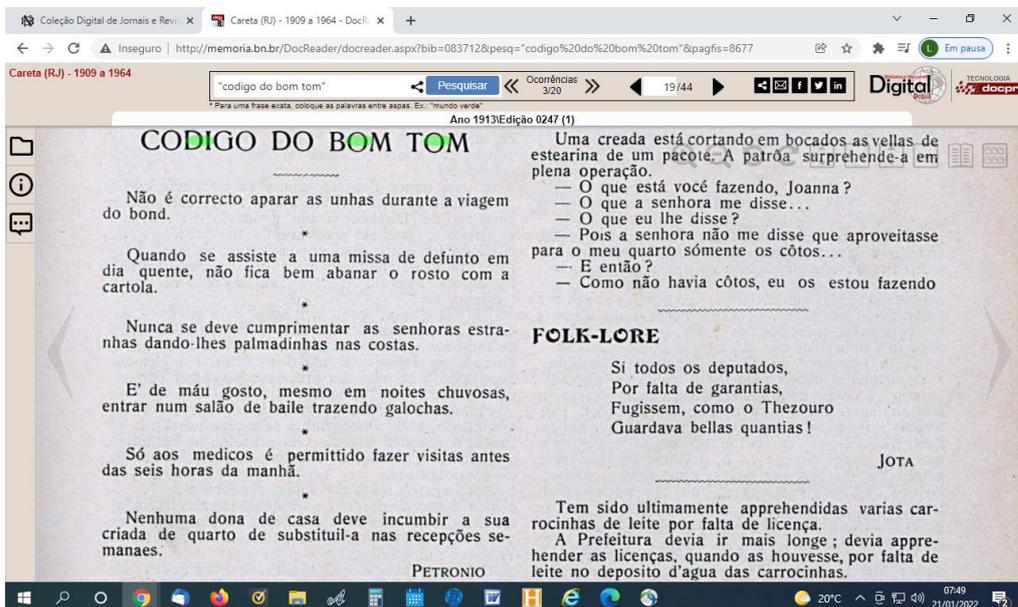
Como dissemos, o CBT teve enorme e duradouro sucesso desde sua primeira publicação em 1845. Após descrever aspectos brutais da pedagogia do Império (aí incluídos severos castigos corporais), Gilberto Freyre ajunta:

A outros tormentos esteve obrigada a criança branca – e até a preta ou mulata, quando criada pelas iaiás das casas-grandes. “A sociedade tem também sua grammatica” escreveu em 1845 o autor de certo *Código do bom-tom* que alcançou grande voga entre os barões e viscondes do Império. Os quais, para tomarem ar de europeus, não só deram para forrar os tetos das casas-grandes – até então de telha-vã – como para adotar regras de bom-tom francesas e inglesas na criação dos filhos. E adotá-las com exageros e excessos” (FREYRE 2019, pp. 852-853)

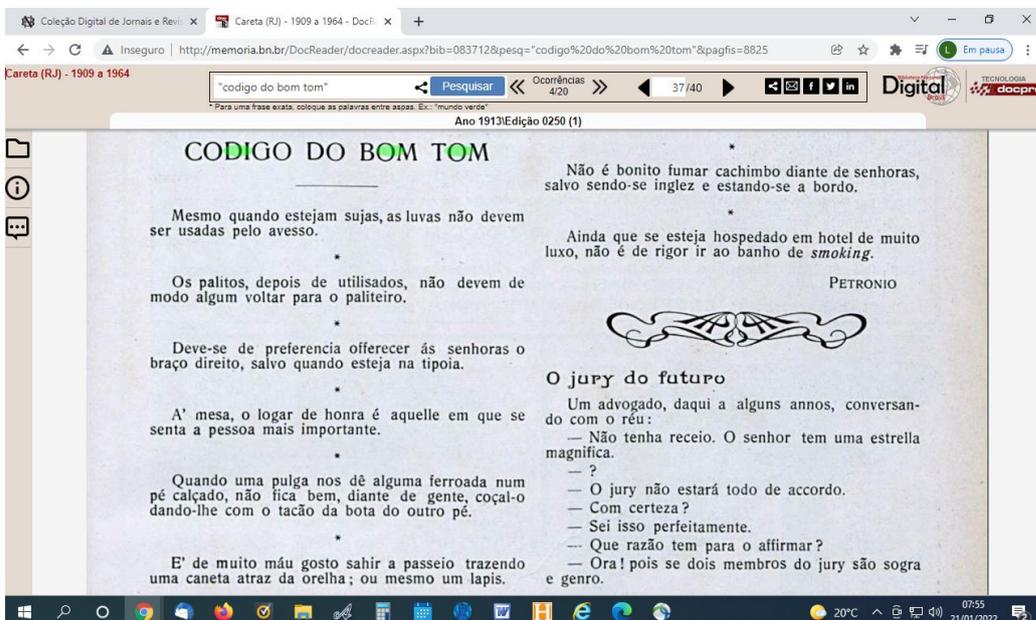
A influência do CBT perdurou por anos após a proclamação da República e, de certo modo, até hoje, quando ainda dizemos que tal ou qual ato “não é de bom tom”.

O CBT é tão ridículo que, por vezes, já é quase uma sátira de si mesmo. Por isso, nem sempre é fácil reconhecer sátiras em Careta (13 edições da coluna “Código do Bom Tom” na revista entre 1913 e 1914). Limitar-nos-emos a comentar os primeiros casos, apontando alguns aspectos mais acentuados:

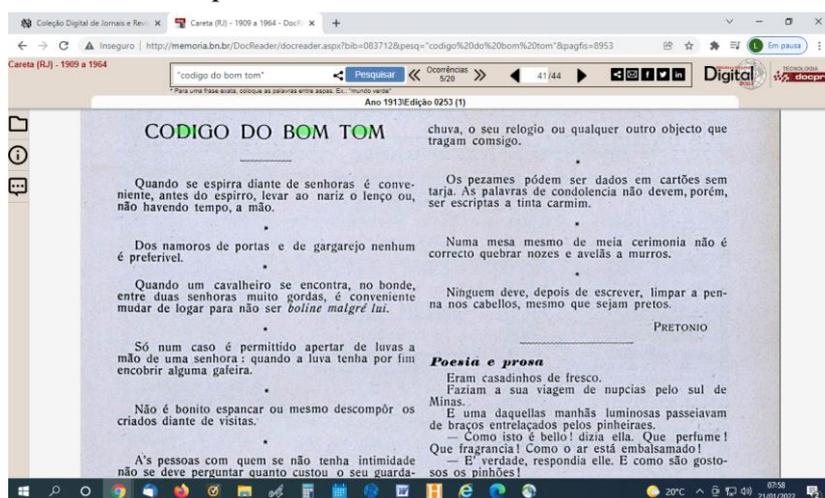
1. Edição No. 247, de 22-02-1913. Com a prescrição (óbvia) de não adentrar salão de baile com galochas ou a de cumprimentar senhoras estranhas com tapinhas nas costas...



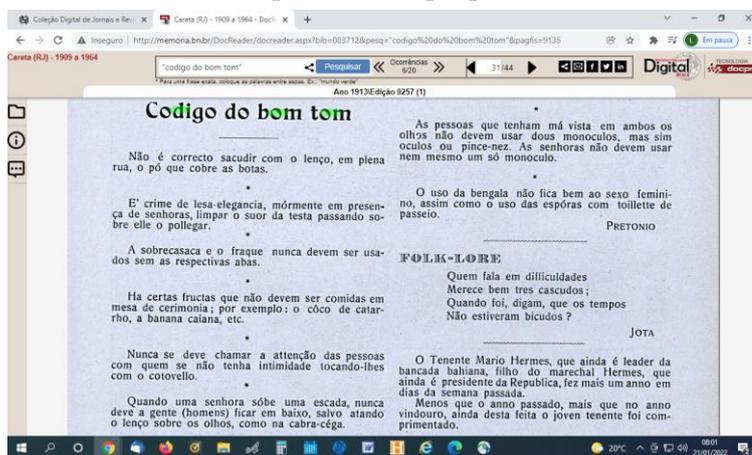
2. Edição No. 250, 15-2-1913. As ironias começam a se tornar mais evidentes e incidem sobre o óbvio: como a dos palitos de dente usados ou o cachimbo do inglês... O próprio Roquette, muitas vezes explicita – talvez pensando no público tupiniquim – o que deveria ser óbvio:



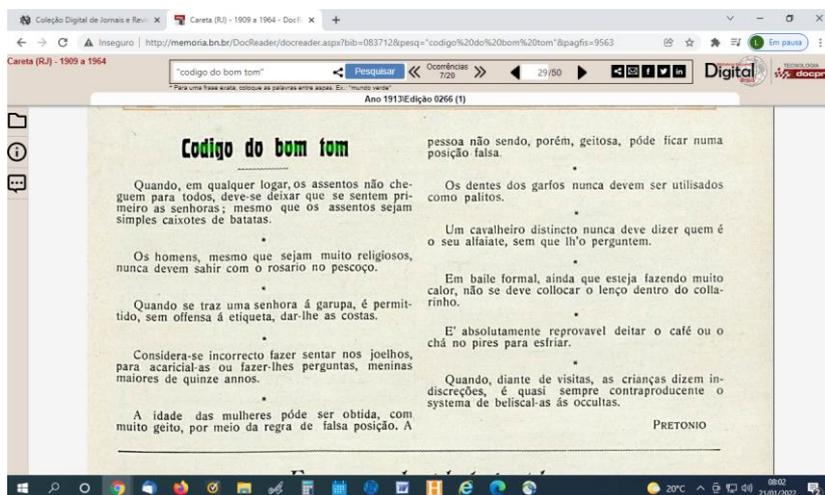
3. Edição No. 253, de 5-4-1913. Nesta edição, assinada agora (maliciosamente?) por Pretonio (e não Petronio), a ironia torna-se mais ácida ao considerar temas como espancar criados diante de visitas, bolinar senhoras etc.:



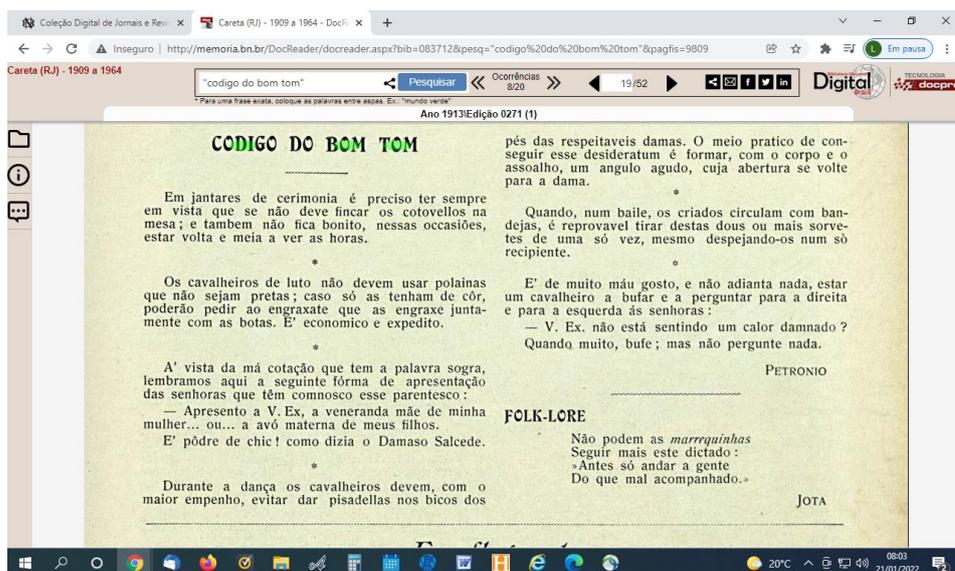
4. Edição No. 257, 3-5-1913. A ironia continua com a profusão de não e nunca, marcantes no livro de Roquette. Destaque para o cotovelo e a cabra-cega...



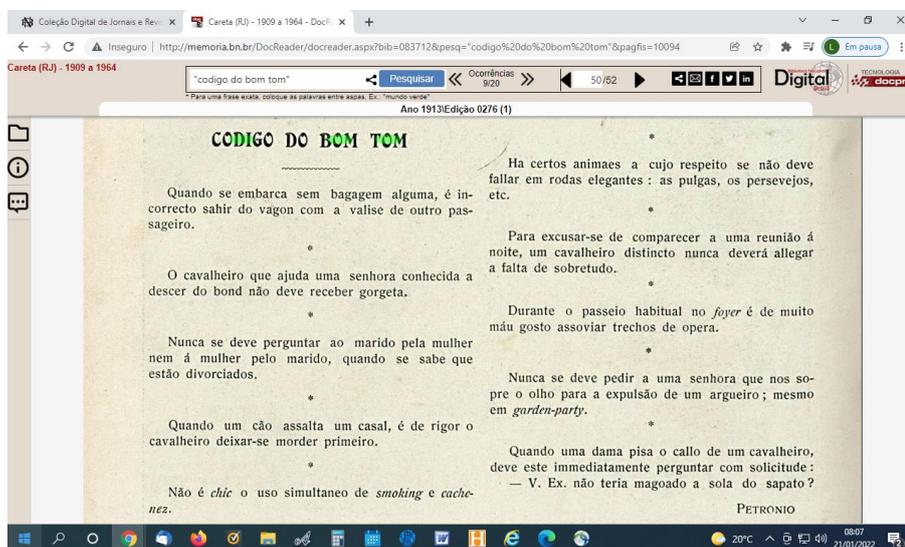
5. Edição No. 266, 5-7-1913. Continua o deboche e o nonsense: sentar as meninas nos joelhos, dar as costas a uma senhora etc.



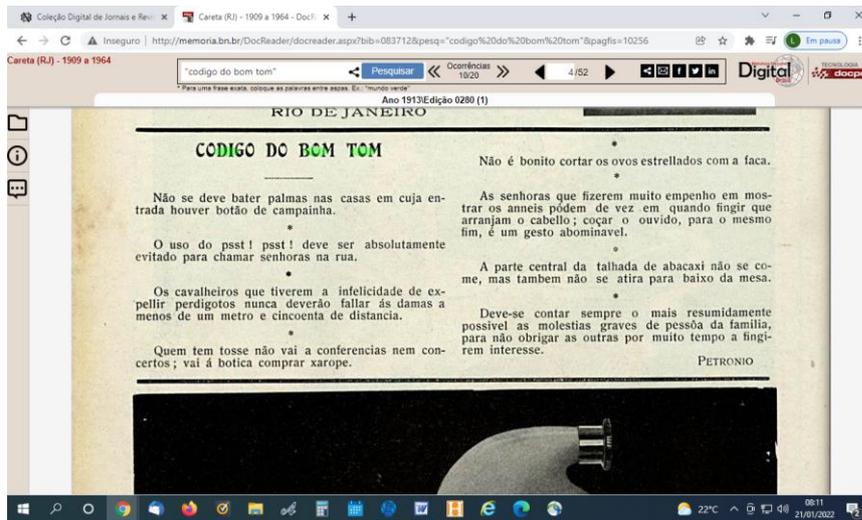
6. Edição No. 271, 9-8-1913. Voltando a assinar Petronio, postula posicionamentos curiosos em situações sociais:



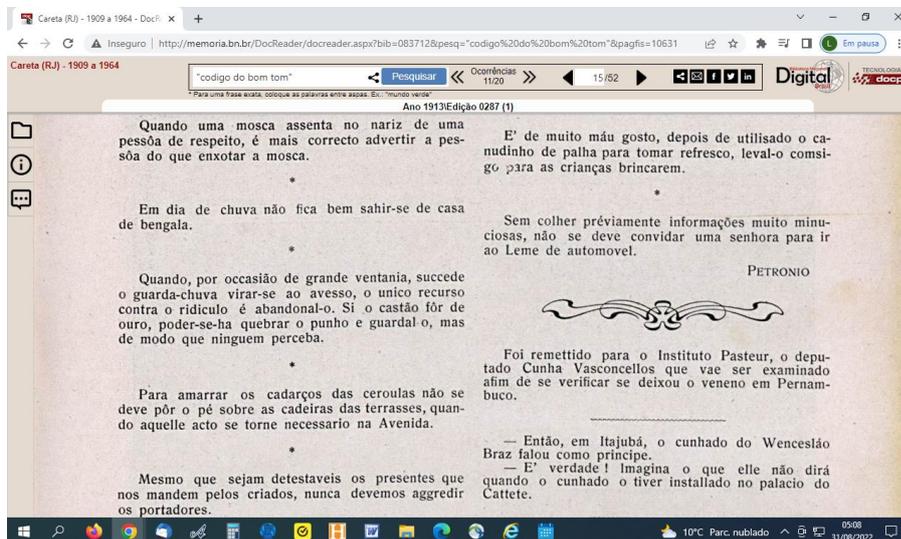
7. Edição No. 276, 13-9-1913. A seção é já pura galhofa:



8. Edição No. 280, 11-10-1913. A obviedade de muitas recomendações é justamente o que lhes confere um caráter jocoso:



9. Edição No.287, 29-11-1913. Em muitas edições, é a peculiaridade do contexto que mais chama a atenção.



10. Edição No. 291, 27-12-1913. A seção ocupa página inteira.





11. Edição No. 294, 17-1-1914. Nessa edição, a pressuposição de comportamentos é a base para antecipar recomendações:

Codigo do bom tom

Em dias de chuva podem as calças ser arregaçadas, mas não tanto que cheguem a apparecer as ceoulas.

Mesmo que se tenha intimidade com um padre, não é correcto dar-lhe palmadinhas na corôa.

Em qualquer lugar, mesmo em hotéis de estação, nos quaes a sopa é servida insupportavelmente quente, não deve esse prato ser transferido para o fim do jantar.

Quando se côrta com os dentes a ponta do charuto, é necessario evitar que, ao expellir o fragmento, este cáia no rosto de alguma pessoa presente.

Si porventura um cavalheiro se achar n'uma aglomeração de senhoras, não deverá absolutamente utilizar-se dos cotovellos para abrir caminho.

Não se deve approximar o rosto mais de 75 centímetros do de uma senhora para verificar de que côr são os seus olhos. Os myopes devem abster-se dessa verificação.

Os pic-nics nunca devem ser marcados para depois das dezenove horas.

ARBITER

OO

Logo que estiver impresso o papel-moeda necessario á emissão clandestina, os parêdros bem intencionados imaginário a revolta indispensavel para a decretação do estado de sitio.

□

Folke-lore

Com quem desejar eu faço,
Lambagem dando, uma aposta :
Que do figado padece
O doutor Afonso Costa.

JOTA

OO

No proximo despacho collectivo será assignado o decreto que localis a transformação da Chefatura

12. Edição No. 301 7-3-14. Em algumas edições, as situações mais inusitadas parecem especialmente cômicas, assim como as respectivas recomendações:

Codigo do bom tom

Cresce infelizmente o numero de victimas sacrificadas pela a aviação. A republica Argentina acaba de passar pelo rude golpe de perder um dos seus mais gloriosos filhos, o engenheiro Newbery.

Durante a quaresma não se deve andar com lenço de seda vermelha no bolsinho de cima.

Quando se oferece um lapis a uma senhora para escrever, não é correcto humedecel-o previamente de saliva.

DEFINIÇÃO

Entre um advogado e seu filho, de 6 annos :
— Papae, o que é um tramite ?
— Um tramite ? é... é um obstaculo burocratico, para embarçar o andamento dos negocios.

«rendez-vous». Doce esperança

A' mesa, sobretudo em jantares de cerimonia, o angulo formado pelo braço com o tronco não deve exceder de trinta e cinco grãos.

Si, por acaso, d'entre as pessoas presentes, uma senhora se levanta, encaminhando-se para o interior da casa, não é correcto perguntar-lhe aonde vai.

13. Ed. 552 18-1-1919. Sem assinatura do autor da coluna, voltam a aparecer situações hilárias, como o modo de segurar um guarda-chuva, a reação depois de quebrar um enfeite na casa de alguém, ou o local de guardar pontas de cigarro:



Após 13 edições da coluna satirizando o CBT, a revista Careta, anos depois, em 3 de setembro de 1921, publica um longo artigo “A fallencia do Codigo do Bom Tom”, afirmando a necessidade de cultivar bons hábitos de convivência, mas sem: “a intenção de reproduzir as regras dessa velharia insossa que se chama codigo do bom tom”.

Considerações finais

Esperamos com este artigo ter apresentado suficientemente o CBT. A vigência desse livro é reconhecida pela própria insistência em satirizá-lo: cremos que um dos bons frutos de nosso trabalho foi o de dar a conhecer ao leitor as 13 colunas – irônicas e debochadas – da importante revista Careta.

O grande problema social subjacente é o da harmonização entre a necessidade de formas de convivência e a não menos essencial espontaneidade no trato. Se a experiência da rigidez de espartilhar a vida com mil regrinhas de etiqueta já se mostrou fracassada, não podemos tampouco avaliar uma espontaneidade grosseira e egoísta, que – como bem se nota nos dias de hoje – torna muito difícil o conviver. A harmonia almejada parece residir, afinal, no bom senso, na generosidade e na virtude, valores que não se deixam esgotar em estereótipos de padronização uniformizada...

Referências bibliográficas

CARETA. Rio de Janeiro: Careta, 1913. Semanal. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_anos.htm. Acesso em: 30 maio 22.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. 1ª. ed. digital São Paulo: Global 2019.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX: Assis, Miscelânea, 2010

ROQUETE, J. I. **Código do bom-tom: ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX**. Organização e Introdução: SCHWARCZ, Lilia Moritz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

SAMPAIO, Fernando da Silva. Código do Bom-Tom. **Vozes, Pretérito & Devir**. Ano I, Vol. 1, No. 2 (2013), p. 295-308. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes>. Acesso em: 10 jun. 22.

Recebido para publicação em 02-08-22; aceito em 04-09-22